

## APRESENTAÇÃO

Karl Marx teorizou de forma memorável a classe trabalhadora como ‘classe universal’. O que ele quis dizer foi que, ao lutar para superar a própria exploração e a própria dominação, a classe trabalhadora também estava desafiado o sistema social que oprime a esmagadora maioria da população do mundo e, com isso, fazendo avançar a causa da humanidade como tal. Seguidores e seguidoras de Marx, porém, nem sempre compreenderam que nem a classe trabalhadora nem a humanidade são uma entidade indiferenciada, homogênea, e que a universalidade não pode ser alcançada ignorando-se suas diferenças internas.”<sup>1</sup>

A edição da Revista História e Luta de Classes que apresentamos ao leitor cumpre uma importante tarefa histórica no campo da historiografia marxista: propor a ampliação do debate acerca das questões de gênero sob a perspectiva crítica, do ponto de vista teórico e empírico. Se é verdade que há uma acusação – em algum grau pouco fundamentada – de que o marxismo ignorou a questão de gênero durante parte de sua História, é também verdade que esse entendimento tem difícil sustentação no presente. Não podemos atribuir essa pecha ao caminho mais recente do materialismo histórico. Grandes esforços vêm sendo realizados para compreender de que maneira as questões relacionadas a gênero e sexualidades são fundamentais para a análise das estruturas do próprio capitalismo. “Invisíveis, elas abrem a cidade”<sup>2</sup>, nos lembra Françoise Vergés ao mencionar o trabalho precarizado, subqualificado, mal pago e prejudicial à saúde executado por inúmeras mulheres racializadas que realizam a manutenção do espaço urbano, um trabalho tão essencial para as possibilidades de produtividade capitalista quanto transformado em invisível por esse mesmo sistema. De maneira análoga, invisíveis, os trabalhos de cuidado recaem sobre os corpos feminizados nos espaços domésticos e educativos, garantindo a manutenção e reprodução da força de trabalho. Essa compreensão, resumida na palavra de ordem da greve internacional das mulheres (“Se nossas vidas não importam, que produzam sem nós”), vem orientando os trabalhos acerca do gênero e sexualidades no campo marxista e ganhou força no Brasil com as recentes traduções de trabalhos importantes nesta temática. Autoras como Lise Vogel, Cinzia Arruzza, Nancy Frasier e Tithi Bhattacharya têm, em suas obras, promovido a renovação que busca compreender de que maneira raça e gênero influenciam tanto a composição da classe em termos de força de trabalho quanto de

---

<sup>1</sup> ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASIER, Nancy. *Feminismo para os 99%*. São Paulo: Boitempo, 2019. p.121-122.

<sup>2</sup> VERGÉS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu, 2020.

processos de subjetivação<sup>3</sup>, propondo, a partir de Marx, uma leitura unitária das categorias comumente compreendidas a partir das *identidades* pela historiografia.

Se os processos sociais relacionados ao gênero e racialização são fundamentais para a compreensão da História contemporânea, os núcleos familiares cisheteronormativos passam a ser unidades fundamentais de para a própria manutenção do capitalismo, o que se percebe em práticas sociais de sobretrabalho para as mulheres e controle de sexualidades heterodissidentes, e em processos ideológicos específicos de subordinação e invisibilização. A renovação teórica na análise, entretanto, parece tão profunda quanto desconhecida por um amplo setor da historiografia brasileira atual, motivo pelo qual esta edição da História e Luta de Classes parece tão relevante. Um levantamento nas bases de dados de teses e dissertações e artigos acadêmicos nos indica que parte dos esforços dos Historiadores ainda se concentra no campo da História das Mulheres. De maneira alguma queremos insinuar que estas pesquisas não são relevantes, uma vez que ajudam a compreender como em realidades socio-históricas específicas as relações de gênero puderam se desenhar de acordo com a correlação de forças. No entanto, como marxistas, acreditamos que à luz das recentes pesquisas teóricas é possível dar um salto na análise para a compreensão mais profunda: não apenas como as relações de gênero se apresentam, mas como a hegemonia da compreensão de gênero binária e cisheteronormativa sustenta determinadas estruturas sociais que precisam ser questionadas para uma efetiva crítica ao capitalismo.

Nesse sentido, o dossiê História e Gênero é aberto com o artigo “O que vemos através da lente da reprodução social?”, no qual a autora Clara Saraiva apresenta as linhas gerais do recente debate sobre gênero e sexualidades no interior do marxismo. Discutindo a partir do que nomeia um “patriarcado especificamente capitalista”, Saraiva aponta os debates centrais que vinculam as apreensões cisheteronormativas de gênero solidamente fincadas em questões relacionadas à acumulação de capital, valor e reprodução social da força de trabalho. A síntese é fundamental para apresentação da Teoria Unitária para os historiadores, configurando uma importante introdução àqueles que buscam se aprofundar na temática.

Em seguida, o artigo “A presença da mulher no anarquismo internacional”, de Nicole Angélica Schneider, apresenta um balanço da participação da mulher em dois âmbitos diferentes da tradição anarquista. Por um lado, a autora realiza um balanço descritivo da forma como autores anarquistas amplamente conhecidos (Proudhon, Bakunin, Malatesta e Kropotkin) trataram a opressão da mulher e compreenderam seu papel na sociedade. Por outro lado, a autora apresenta uma lista de amplo elenco de personagens femininas que atuaram na construção do movimento anarquista, sem distinção de espaço geográfico e marco temporal.

Seguindo uma orientação semelhante, mas com o recorte específico da realidade dos movimentos sociais brasileiros, Ândrea Francine Batista apresenta um compêndio sinóptico da presença das mulheres nas lutas socialistas no Brasil. A autora cumpre a importante tarefa de demonstrar a existência de imensa quantidade de

---

<sup>3</sup> ARRUZZA, Cinzia. *Ligações Perigosas*. Casamentos e Divórcios Entre o Marxismo e Feminismo. São Paulo: Usina Editorial, 2019.

protagonistas femininas nos movimentos socialistas brasileiros, sobre as quais não há pesquisas em profusão. Entendemos, assim, esse artigo como uma interessante contribuição de natureza introdutória que proporciona a novos pesquisadores no campo a possibilidade de pinçar temas de pesquisa e personagens invisibilizados na construção da memória da esquerda.

Ainda discutindo a realidade brasileira, Bárbara Araújo Machado, no artigo “Gênero, raça e classe no movimento feminista brasileiro nas décadas de 1970 e 1980: uma discussão a partir da experiência de mulheres negras” recupera autoras negras e recompõe parte do debate político que subsidiou parte do debate interseccional, quando o nome ainda não existia para designar o que ocorria. Nesse sentido, o nome sempre lembrado de Lélia Gonzalez é parte estruturante das contribuições trazidas pela autora.

Saindo da realidade brasileira, mas permanecendo na *Latinoamerica* e na problematização das representações ideológicas hegemônicas, a produção de Maria Garcia Tell, intitulada “Encarnar la revolución en los cuerpos: La militancia del PRT-ERP durante los años ‘70”, realiza um trabalho empírico acerca da construção da imagem do revolucionário na Argentina e suas relações com as representações de masculinidade e participação política.

Fechando o dossiê, apresentamos o debate da autora Gabriella Monteiro Vieira, no artigo “Operadoras de telemarketing: uma abordagem acerca da precarização do trabalho”. Analisando o setor que é majoritariamente ocupado por mulheres, a autora aponta questões relacionadas às condições de trabalho desumanamente competitivas, adoecedoras e precarizadas na estrutura neoliberal no Brasil das últimas décadas, e como essas condições atingem a parcela dos sujeitos identificados como mulheres no mundo do trabalho.

Finalmente, a edição se completa com mais um artigo e uma resenha. O artigo “O Partido Socialista Revolucionário e a alternativa trotskista ao PCB e à “União Nacional” (1945-1947), de Henrique de Bem Lignani discute a trajetória do PSR, organização política que atuou no contexto da chamada redemocratização entre 1945 e 1947, refletindo sobre a análise por ele produzida e sua estratégia frente ao PCB, amplamente hegemônico na esquerda comunista. A resenha de Frederico Bartz discute o livro *História da União Soviética: uma introdução*, de Lincoln Secco.

--- XXX --- XXX ---

Em meados de março, no lançamento da edição anterior, registrávamos que a dimensão da tragédia produzida pelo negacionismo bolsonarista no país atingia já 290 mil mortes. Exatos seis meses depois, somam-se mais outras 290 mil mortes, sempre na contagem oficial. Seguimos enfrentando negacionismos, propagação de mentiras, discursos de banalização da morte e o relaxamento das já muito limitadas medidas de contenção. A isto soma-se o ostensivo esforço de um governo comandado por fascistas e que busca de todas as formas possíveis impor uma ruptura institucional e liquidar as liberdades democráticas e os direitos sociais que ainda seguem em vigência.

Esta é a quarta edição de *História & Luta de Classes* que é lançada no contexto da pandemia. Certamente as dificuldades são enormes, mas o esforço coletivo de muitos tem permitido manter a publicação da revista e sua periodicidade regular, inclusive em sua edição impressa. Temos a comemorar nossa capacidade de resistência, que tornou possível em 16 anos de trajetória publicar 32 edições, organizadas em torno de dossiês temáticos da maior importância, colocando a público e com fácil acesso em nossa página eletrônica mais de três centenas de artigos. A tragédia pandêmica passará, a ameaça fascista será derrotada, e seguiremos pesquisando, refletindo, debatendo e resistindo!

Setembro de 2021

Gilberto Calil  
Editor

Aruã Silva de Lima  
Larissa Costard  
Tamara Naiz da Silva  
Coordenadores do Dossiê